

O desenvolvimento do sujeito religioso para sujeito político nos neopentecostais

The development of the religious subject to political subject in the neopentecostal

*André Magalhães Coelho**

Recebido: 10/04/2021

Aprovado: 17/05/2021

Resumo: O cenário dos últimos tempos exigiu de pesquisadores na área das ciências humanas um esforço para entender a política atual no Brasil, assim como o seu desenvolvimento na América Latina. Observa-se o engajamento de igrejas neopentecostais na política atual e a organização e influências desses grupos religiosos no governo, tanto em questões políticas como eleitorais, na candidatura do Presidente Jair Messias Bolsonaro. O presente trabalho tem por objetivo averiguar se há um deslocamento do discurso religioso, com os seus ritos e promessas, para um discurso político, que se utiliza da religião na elaboração de um viés moralista ao afirmar-se como representante do divino, soluções e promessas. Para este estudo utiliza-se leituras bibliográficas, além do uso da internet que proporciona novas oportunidades aos pesquisadores, exigindo a reinvenção dos atuais processos e técnicas de pesquisa sem abandonar, no entanto, as perspectivas já consolidadas.

Palavras-chave: Neopentecostais, Teologia Política, Legitimação Religiosa, Moralismo e Fundamentalismos.

Abstract: The scenario of recent times demanded from researchers in the humanities area an effort to understand the current politics in Brazil, as well as its development in Latin America. There is the engagement of neopentecostal churches in current politics and the organization and influence of these religious groups in the government, both in political and electoral matters, in the candidacy of President Jair Messias Bolsonaro. The present work aims to investigate if there is a shift from religious discourse, with its rites and promises, to a political discourse, which uses religion in the elaboration of a moralistic bias when asserting itself as a representative of the divine, solutions and promises. For this study, bibliographic readings are used, in addition to the use of the internet, which provides new opportunities for researchers, requiring the reinvention of current research processes and techniques without abandoning, however, the already consolidated perspectives.

Keywords: Neopentecostal, Political Theology, Religious Legitimation, Moralism and Fundamentalisms.

* André Magalhães Coelho é mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada FATIN. E-mail: magalhaescoelho@gmail.com

Introdução

Diante dos discursos neopentecostais que motivam multidões por meio de suas promessas e palavras de exortação encontram-se razões para entender como o sujeito religioso transforma-se em um sujeito político. Os discursos religiosos compautas moralistas tornaram-se contrários ao Estado laico, aos direitos humanos e às minorias. Hoje, no cenário brasileiro, uma teologia política¹ ganha forma com a tentativa de autoridades que se declaram representantes do “divino”.

Desde 1980 o fundamentalismo religioso² esteve inserido nas igrejas neopentecostais, em prol da eleição de pastores com pautas conservadoras. Por vezes a “bancada evangélica” com afinidades políticas e o seu discurso moralista com valores da família elaboram leis contra minorias e a diversidade humana.

Desde a Idade Média, a religião tratou dessa relação de ser humano e o mundo inteligível. Assim, tornou-se representante da ordem atual, com representações de símbolos a serem decifrados. No tempo da cristandade, a teologia em que se manifestava o poder do clero, o ser humano e o cosmo formaram um caminho indissolúvel. O panorama daquela época também lapidou a forma e a história sobre Deus. Pelas orações, os bispos procuravam ajudar o exército para a vitória do povo cristão contra os inimigos da cristandade. Neste sentido, a função do Papa é deslocada para outro mundo em que a vontade do imperador domina e a submissão da igreja é praticamente absoluta à vontade do imperador.

O representante tinha em mãos o monopólio mágico que se desdobrava para a direção do seu objetivo, com a intenção de que a ordem é uma direção divina. A vida política tornou-se uma disputa da legitimidade de quem deveria exercer o poder. No Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro e o discurso: “E conhecereis a verdade, e a

¹O artigo abordará o envolvimento dos neopentecostais na política atual. Entende-se, também, que existem outras teologias políticas, como, por exemplo, a teologia da libertação desenvolvida na América Latina, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, que surge da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres e especifica que a teologia, para concretizar essa opção, deve usar também as ciências humanas e sociais.

²Aqui, fala-se de fundamentalismo religioso como um esforço para restaurar a certeza ameaçada. O termo geralmente é aplicado a movimentos religiosos, mas é importante compreender que há muitos fundamentalismos seculares conforme Berger utilizou em seu livro *Os múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*, p. 34. Historicamente o termo surgiu no começo do século XX nos EUA, quando protestantes determinaram que a fé cristã exigia acreditar em tudo que está escrito na Bíblia.

verdade vos libertará”, *slogan* da sua campanha, fazendo referência a João 8,32, percebe-se um alinhamento político com os grupos neopentecostais. A partir desta formulação elabora-se uma cosmovisão de mundo e um modelo comportamental para influenciar a sociedade. Esse cenário atual, brasileiro, está em plena ascensão e com pautas nos poderes Executivo (federal, estadual e municipal), Legislativo (Congresso Nacional) e Judiciário.

É importante analisar o desenvolvimento do sujeito religioso para um sujeito político, compreender as suas tendências autoritárias e fundamentalistas que ocupam espaços institucionais e criar barreiras para o diálogo com os direitos humanos, religiões afro-brasileiras, movimentos populares etc.

O presente trabalho tem por objetivo verificar como os neopentecostais apropriam-se do discurso religioso para um viés político e, também, de que forma desenvolvem o discurso religioso para a esfera pública, além de examinar como o sujeito religioso passa a ser um sujeito político. Por fim, como a legitimação do discurso neopentecostal tem força para moldar e regular o comportamento humano a fim de transformar-se em um hábito: de indivíduos engajados em militantes políticos.

A princípio, a análise acontece em ênfase de um discurso moral que abre caminho para a abertura de um plano que se move para uma teologia política. Na sequência, a reflexão aborda como o discurso neopentecostal tem uma ruptura com o ascetismo pentecostal clássico: deixa de ter uma visão etérea para um olhar mais concreto da esfera da vida. Em seguida, ocorre a verificação de como a política adequa-se a um discurso que faz uma conexão “divina” revelada, e como certas tradições religiosas apropriam-se de pautas e teologias políticas para desenvolverem ideias a fim de explicar e legitimar sua posição. Por último, o artigo discute sobre como o neopentecostalismo, como força reguladora dos hábitos, apodera-se de pautas religiosas e políticas para a legitimação do seu discurso.

Este estudo utiliza-se de leituras bibliográficas, além do uso da internet. Segundo Frago, Recuero e Amaral (2013), as perspectivas se manifestam e chama a atenção o fato de que a internet apresenta-se como objeto, espaço ou local passível à utilização de ferramentas de pesquisa.

1. Apropriações do discurso religioso para uma teologia política

A partir da década de 1980 observa-se a massiva entrada de evangélicos (de matriz protestante) na esfera política. É evidente a eleição de líderes religiosos e que fazem parte do sistema de governo. Tempos atrás, os “evangélicos” não deveriam relacionar-se com o mundo e muito menos envolver-se em questões políticas. Porém, essa realidade transformou-se em uma visão e concepção bíblico-teológica sobre o cosmo e a política, radicalmente, adquiriu novos contextos evangélicos latino-americanos que não apenas participam, mas opinam e influenciam o Estado e a nação a desfrutarem das promessas religiosas envolvidas nos planos políticos (GUADALUPE, 2019).

O campo progressista³ assistiu o deslocamento não apenas de grupos neopentecostais⁴ para a política – mas uma reorganização da direita e o seu fortalecimento nas esferas públicas com a chamada “onda conservadora”, “novas direitas” etc. É urgente a análise desse novo contexto na atualidade, especialmente depois do fortalecimento da direita mundial, mas, principalmente no contexto brasileiro com a vitória e a popularidade de Bolsonaro e, também, com a sua aproximação de grupos conservadores e igrejas evangélicas protestantes (GALLEGO, 2018). O fundamentalismo religioso destacou-se com força política nos anos de 1990: crescimento das igrejas neopentecostais, eleições de pastores e a criação da bancada evangélica. Atualmente esse grupo apresenta uma visão mais autoritária, deixando de lado a ala mais progressista, com o alinhamento de um discurso com pautas moralistas. Nesse sentido, o fundamentalismo religioso apresenta-se com pautas conservadoras e uma percepção de mundo revelada como verdade absoluta, fazendo oposição aos direitos humanos e minorias. Tem como discurso os valores da família tradicional. As forças conservadoras aliam-se a diferentes pautas e, fora da esfera política, a presença de pastores neopentecostais como Silas Malafaia e o Bispo Edir Macedo marcam território nas redes sociais. Para Luís Felipe Miguel:

A menção a Malafaia é útil para indicar que o fundamentalismo não significa necessariamente fanatismo. É um discurso utilizado de acordo com o senso

³Aqui, campo progressista trata-se de um esforço contravalores conservadores que não aceitam abertura e diálogo com minorias e reflexões modernas. Historicamente, o campo progressivo era um partido político de esquerda na Itália. Seu líder era Giuliano Pisapia, um ex-membro da Câmara dos Deputados do Partido Comunista da Refundação e, mais tarde, prefeito de Milão como um independente próximo da Liberdade Ecológica da Esquerda.

⁴De acordo com Ricardo Mariano em seu livro *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, 2014, p. 32, a terceira onda teve início nos anos 1970. Cresce e demarca o corte histórico-institucional da formação de uma corrente pentecostal que será aqui designada de neopentecostal.

de oportunidade de seus líderes: contribui para manter o rebanho disciplinado, imuniza-o diante de discursos contraditórios e fornece aos chefes um capital importante, isto é, uma base popular, com o qual eles negociam. O controle de emissoras de rádio e televisão completa o quadro. Os líderes religiosos desempenham o papel de novos coronéis da política brasileira (MIGUEL, 2018, p. 21).

De certa forma, o Partido dos Trabalhadores entendeu esse panorama e criou pontes com as instituições religiosas. A Igreja Universal, que demonizava o representante do PT, Lula, como um agente de Satanás, passou a apoiá-lo. Desta maneira conseguiu mais espaços na mídia, ministérios e incentivos de fortalecimento da Record (emissora de televisão). Na agenda moral conservadora abriu-se um caminho para que a direita se alinhasse com a parte da base social que levaria ao enfraquecimento das políticas de combate à fome e à miséria social (MIGUEL, 2018).

A teologia da prosperidade que se iniciou na década de 1970 no Brasil e penetrou em muitas igrejas e ministérios, especialmente a Internacional da Graça, Universal, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e outras, teve seu discurso alinhado a promessas e crenças: dentro delas o plano de Deus para o ser humano de fazê-lo feliz e próspero.

Nesse sentido, a posse de bens, a exibição da saúde perfeita em boas condições de vida sem maiores problemas ou aflições são apresentadas como novas manifestações espirituais do fiel. Muitos evangélicos neopentecostais aceitam tais crenças por entender que seus féis são pobres e somente com ajuda e, na relação com o Todo-Poderoso, “verbos como exigir, decretar, determinar, reivindicar frequentemente substituem os verbos pedir, rogar, suplicar” (MARIANO, 2014, pp. 157-158).

A aproximação de igrejas com a política ocorre com a abertura de um discurso moralista alinhado com as pautas do governo. No Brasil, observa-se uma teologia política que consiste em aproveitar o discurso religioso com base no “divino” para a proteção da nação e fazê-la prosperar. Esse tipo de discurso, alinhado como governo atual, aproxima grupos neopentecostais com a presença de líderes evangélicos e representantes dessa teologia nos ministérios. Percebe-se que a representação desses grupos direciona a política para meios conservadores. O livro *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, escrito pelo bispo Edir Macedo e Carlos Oliveira, mostra de maneira evidente a influência da Igreja Universal do Reino de Deus. As suas ideias de um plano de poder que Deus tem um grande projeto para a nação e colocar em prática.

O objetivo deste livro é esclarecer os cristãos acerca da política, sobretudo

dos pontos de vista bíblico e técnico, e, ainda, quais são as suas finalidades. E, para tal, é importante uma análise sob um olhar específico, neste caso político, incluindo alguns parâmetros filosóficos sobre o tema. Certamente, todos compreenderão com clareza o grande projeto de poder elaborado por Deus para seu povo (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 10).

Nota-se uma teologia política, além de noções de desenvolvimento de como fazer política tendo a Bíblia como referência, e pelas ideias do fundador da Universal. A Igreja Universal do Reino de Deus, embora tenha nascido da Nova Vida, é colocada em matéria de desenvolvimento e frequência de poder divino. Seu crescimento inicia-se nos anos 1980, quando começa a possuir as primeiras rádios. De maneira impressionante é amplamente conhecida nas populações mais carentes. Logo a igreja começa a influenciar os seus adeptos na política. “Os cristãos não devem apenas discutir, mas principalmente procurar participar de modo a colaborar para a desenvoltura de uma boa política nacional e, sobretudo, com o projeto de nação idealizada por Deus para seu povo” (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 25).

No governo Bolsonaro, os movimentos neopentecostais mostram a sua força para influenciar o governo na indicação de ministros. Um exemplo disso é a frase, dita por Bolsonaro, de que o Supremo Tribunal Federal (STF) deveria ter um representante “terrivelmente evangélico”. A ministra Damares Regina Alves quando assumiu o ministério dos Direitos Humanos – citou a seguinte frase: “O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”. As pautas moralistas e apologéticas nos discursos do governo atual são recorrentes para a ministra dos Direitos Humanos. “Todas as políticas públicas neste país terão que ser construídas com base na família. A família vai ser considerada em todas as políticas públicas”, enfatizou.⁵

Ela ainda comenta que:

Eles querem muito mais que construir no Brasil a homonormatividade. Eles querem, pior, destruir a heteronormatividade. Isso me preocupa muito, mas eu gostaria que esta nação tivesse outro decreto. Sou cristã, pastora e a minha regra de fé é a Bíblia⁶.

A ministra Damares disse essas frases na ocasião em que foi escolhida para ocupar o cargo de ministra dos Direitos Humanos. Evidente que esse discurso enfatiza uma fé

⁵Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

⁶Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

conservadora e fundamentalista e uma interpretação literal da Bíblia.

No momento, o presente artigo não pretende realizar uma hermenêutica e nem uma exegese. O objetivo é mostrar como as influências neopentecostais norteiam a política. Por exemplo: Bolsonaro convidou para ficar ao seu lado na tribuna da esplanada dos ministérios, no desfile de setembro em 2019, autoridades como Edir Macedo (Universal), Renê Terra Nova (Movimento Internacional da Restauração), Robson Rodvalho (Sara Nossa Terra) e Manoel Ferreira (Assembleia de Deus). “Ele queria honrar o movimento evangélico, porque nós temos público. Você traz os pastores e as ovelhas vêm juntos,” disse pastor e deputado federal Marco Feliciano que tem feito a ponte do presidente com a bancada religiosa: “O nosso apoio é endêmico, não é sistêmico”, ressaltou.⁷

Nesse sentido, a vida política movimentada-se nas disputas de quem pode legitimamente exercer o poder sobre as outras pessoas. O discurso de Bolsonaro, em aproximação com os movimentos neopentecostais por exemplo, ao indicar ministros cristãos é apropriado com estratégias de manipulação do divino. Para Mark Lilla:

A teologia política é um discurso sobre autoridade política baseado numa conexão divina revelada. É, explícita ou implicitamente, racional. Mas, porque a teologia se desenvolve no seio de tradições religiosas, também depende das representações simples dessa conexão que as tradições apresentam aos seus crentes. Todas as religiões, mesmo as mais arcaicas, enfrentam um desafio comum: tornar as relações entre Deus, o homem e o mundo simultaneamente reflexivos para as almas simples e coerentes para as mentes reflexivas. Aos simples, a teologia política oferece representações; esses quadros dão depois origem a enigmas que as mentes reflexivas têm de deslindar. Deus está no centro de todos esses quadros e, dependendo de como o concebemos, as nossas imagens do homem e do mundo podem mudar (LILLA, 2010, p.29).

O autor também comenta: “se concebemos Deus como modelador do nosso cosmo, (o qual traduz os seus propósitos), então o exercício legítimo da autoridade política pode muito bem depender da compreensão desses propósitos” (LILLA, 2010, p.28). E acrescenta: “O papel do governante é duplamente representativo: ele defende a causa da nação perante o divino, tal como um advogado faria, e age como defensor de Deus na terra, traduzindo as leis divinas para os ouvidos humanos” (LILLA, 2010, p.31).

Observa-se que o governo atual é representado e se autoapresenta como

⁷Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/bolsonaro-intensifica-contato-com-evangelicos-para-conter-queda-de-popularidade.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

“sacerdote” em coligação com igrejas de matriz neopentecostal. Criam-se inimigos a serem derrotados como a esquerda petista e os comunistas, e precisam ser eliminados em nome de Deus. Bolsonaro transforma-se em um agente do bem vocacionado por Deus. A relação com o governo torna-se um braço dos evangélicos: defendem pautas conservadoras; uma verdade que resolverá o problema da nação. Na reforma gregoriana, o imperador “é, juntamente com o papa, “*rector Ecclesiae*”, e está obrigado a revelar pela unidade da fé, a defendê-la, no cumprimento de sua função eclesial” (VELASCO, 1996 p.155).

A exigência violenta da fé era a inferência da convicção do imperador de ser ministro de Deus pelo poder da espada. Não aceitar a fé, como o imperador exige, é incorrer num dos delitos de alta traição, de lesa-majestade (VELASCO, 1996). Desta maneira, a tradição precisa ser recriada para impor determinada ideologia e conduzir a uma aceitação e prática:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 2017, p. 8).

Cria-se a tradição para impor um sistema político, além de defendê-la para a organização da sociedade com repetições, a fim de inculcar os verdadeiros motivos de uma época para um tempo passado. Dessa forma, demoniza os valores. É contra uma cultura mais progressista fechando-se em suas certezas, sem levar em consideração a modernidade com suas transições e mudanças de paradigmas: “é natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume” (HOBSBAWM, 2017, p. 9).

2. Do sujeito religioso para o sujeito político

Nos últimos anos, com as transformações no cenário econômico e político, as mudanças e aproximações com os movimentos neopentecostais ganharam relevância, além de orientar os fiéis dessas igrejas a manifestarem-se favor de suas ideologias políticas.

Tempos atrás encontrava-se, com certo destaque, um dualismo antropológico nas camadas evangélicas. Os pentecostais negavam o “mundo material” que decorria da

guerra travada (luta) entre as forças divinas e demoníacas no mundo espiritual, porém que não está apenas entre Deus e os anjos. Nesse sentido, os seres humanos, de maneira consciente ou não, participam dessa batalha cósmica. Sujeitos ativamente ligados a esses movimentos religiosos acreditam que têm o poder em suas mãos, a fim de manipular o sagrado de acordo com as suas necessidades. Voluntariamente engajados, eles acreditam em sua autoridade concedida por Deus (MARIANO, 2014).

Entre os neopentecostais encontramos não apenas o dualismo ‘Deus x Diabo’. Acreditam também que o universo está dividido em dois reinos: o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, o Diabo, anjos e demônios, em luta constante. O reino material é este nosso mundo, habitado pelos homens e pelo restante da criação divina. É o campo de batalha da ‘guerra espiritual’. É pelo seu domínio que se trava a guerra. E mais: ‘o reino espiritual é mais real que o material’, dizem eles. O que ocorre neste mundo em que vivemos é reflexo dos acontecimentos da ordem espiritual (MARIANO, 2014, p. 113).

Nesse sentido, com a interpretação que os grupos neopentecostais fazem da Bíblia, cria-se um fechamento para outras instituições como, por exemplo, religiosos de matriz africana⁸. Para os neopentecostais, os deuses do candomblé e os espíritos do Kardecismo com os demônios propagam que os males e infortúnios das religiões afro são contrários ao poder de Deus. Percebe-se que a visão desses movimentos do protestantismo elege o mundanismo e outras tradições como alvos favoritos de ataque, canalizando certa agressividade para os de fora de seu grupo (MARIANO, 2014).

Na década de 1970, a teologia da prosperidade no Brasil alcançou as igrejas. A Bíblia ficou como centro da promessa divina. A posse de bens (casa, carros), saúde perfeita, condições de vida adequadas e proteção espiritual tornaram-se uma marca registrada desses movimentos.

A teologia da prosperidade teve seu início e desenvolvimento nos EUA. Mas, somente no decorrer dos anos 1970 quando teve encontro com grupos evangélicos e outras correntes – começou a se espalhar pelo mundo. A origem e os dogmas dessa doutrina sobre a prosperidade conservaram nitidamente a corrente nos meios de expansão do televangelismo norte-americano, além do aumento da competição entre os televangelistas. As exigências dos veículos de informação integraram os conteúdos. No Brasil, a teologia da prosperidade se espalhou em múltiplos movimentos evangélicos, principalmente o neopentecostalismo, por diversos meios de comunicação. O poder de

⁸ Hoje em dia há produções de textos acadêmicos que mostram que as manifestações pentecostais são tipicamente reproduções das religiões africanas. O objetivo do presente estudo não é entrar nesta discussão.

Deus como meio de transformar a realidade à crença de que os cristãos detêm o poder, a leitura ao pé da letra das Escrituras e o sacrifício de Jesus ganham novas interpretações de acordo com os pentecostais:

Na visão desses pregadores, pelo sacrifício vicário de Cristo, a humanidade foi libertada do pecado original e das maldições da lei de Moisés: enfermidade, pobreza e morte espiritual. Desse modo, as bênçãos destinadas por Deus a Abrão e sua descendência – saúde física e riqueza material tornara-se disponível a todos nesta vida. Nesse novo pacto estabelecido por Cristo, a fé constitui o elemento fundamental para se alcançar tais bênçãos (MARIANO, 2014, pp. 153,154).

A teologia da prosperidade submete radicalmente o ascetismo pentecostal. Para essa teologia, a pobreza significa falta de fé. Para os adeptos dessa corrente, Jesus veio ao mundo pregar para os pobres, a fim de que eles deixem de ser vulneráveis e tornem-se ricos. Nesse sentido, os servos de Deus nunca serão párias sociais (MARIANO, 2014). De acordo com José Luís Pérez Guadalupe, na atualidade, esse modo de vida transformou-se em uma visão e concepções bíblico-teológicas sobre o cosmo e a política:

Nesse sentido, os evangélicos passaram de se perguntar se eles participam ou não da política, perguntando-se como deveriam participar e em quem deveriam votar. No Brasil, por exemplo, a partir de 1986, a proscricção típica de que crente não mexe em política passou à prescrição popular de irmão vota em irmão (cunhado por Josué Sylvestre e popularizado por Paul Freston). É por isso que Edir Macedo, líder e fundador da maior e mais extensa igreja neopentecostal do continente, publicou um livro sugestivo, há alguns anos, chamado *The Power Plan* (GUADALUPE, 2019, p.51, tradução nossa).

Guadalupe (2019) mostra que Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) é um dos representantes mais relevantes do neopentecostalismo. O líder da Universal é autor do livro: *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política* (2008). A obra trabalha a religião na perspectiva dessa nova onda política de evangélicos no continente latino-americano. “Certamente, não era um plano do governo ou algo semelhante, mas uma releitura bíblica de um suposto projeto político da nação (a chamada ‘nação cristã’)” (GUADALUPE, 2019, p.51, tradução nossa).

Para Edir Macedo, “o êxito em política, sobretudo na atualidade, depende de um conjunto de ações estratégicas, bem elaboradas e objetivas, que vai desde o político como produto de ações dos que desejam elegê-lo” (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 35).

Para o representante da Universal nota-se essa carência de compreensão que muitos evangélicos têm, nos dias de hoje, de professar a fé evangélica, pois ainda

significa ser vítima de preconceitos, mesmo com as garantias constitucionais de liberdade de culto religioso (MACEDO; OLIVEIRA, 2008).

Para Edir Macedo, “o objetivo deste livro é, sim, revelar, conscientizar e despertar os cristãos para uma causa bíblicamente anunciada” (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 47). De maneira evidente, o autor destaca que cristãos devem, sim, opinar e influenciar nas políticas, além de ter sempre como referência a Bíblia e o que ela afirma a respeito de projeto de Deus para a nação. Guadalupe (2019) comenta:

É nesse contexto que [...] novos atores [...] começam a participar de concursos eleitorais, muitos deles, suscitando a única virtude de não ter tido uma carreira política. Ao mesmo tempo, foram geradas novas fontes de prestígio social que legitimavam alguma incursão na arena pública: [...]. Mas também apareceram alguns líderes religiosos com formação evangélica, que se apresentaram com uma imagem de sucesso ministerial (decorrente do crescimento numérico de suas congregações) e com a capacidade de influenciar outros líderes religiosos locais, apoiados por um discurso de renovação moral de políticas como bandeira eleitoral (GUADALUPE, 2019, p.51, tradução nossa).

Nos últimos anos observa-se um deslocamento da teologia do poder de Deus para uma teologia do poder político com discursos mágicos e rituais privados a fim de direcionar as instituições políticas por meio do discurso dos seus representantes. Nesse sentido apareceram religiosos com formação política, além do crescimento desses movimentos com sucesso em seus ministérios, inclusive na influência de outros líderes de matriz evangélica, com suas ideologias, assegurando-se em suas pautas morais com bandeira eleitoral.

3. De uma teologia neopentecostal para uma teologia do poder político

O Brasil e a América Latina experimentam um crescimento de ideologias e pautas políticas de partidos com um viés conservador, além da aproximação com movimentos oriundos do protestantismo e a criação de uma teologia política. A crença é uma formulação necessária, mas não é suficiente para o desenvolvimento de certas ideias com o objetivo de converter-se em pautas políticas. É possível analisar que grupos e indivíduos acreditem em Deus, sem que essas crenças sejam transformadas em políticas. É nesse momento que é necessário indagar por que movimentos ou pessoas fazem de uma crença um pensamento político.

Nesse sentido, a política apropria-se de um discurso que elabora uma ligação divina revelada. Pode-se refletir que algumas tradições religiosas ajustam-se de certas

pautas e que teologias políticas desenvolvem ideias para explicar e legitimar o seu posicionamento (LILLA,2010). Desta maneira, representantes do governo Bolsonaro apropriam-se destas categorias políticas.A ministra dos Direitos Humanos,Damara Alves, defende que igrejas podem ajudar a “transformar o Brasil”.Ela afirmou, em uma entrevista, que “é o momento de a igreja ocupar a nação”⁹.

Nesta fala percebe-se um discurso de cristianização: autoritarismo e fundamentalismo que excluem determinadas religiões,e que é a igrejaou o movimento neopentecostalque deve carregar a nação. A participação do governo em movimentos religiosos acontece com certa frequência.Um exemplo é queBolsonaro confirmou presença na comemoração dos 40 anos da igreja do pastor neopentecostal Romildo Ribeiro Soares.Mais conhecido como RR Soares, ele também é apresentador de um programa de televisão e representante da Igreja Internacional da Graça de Deus.¹⁰

Sobre o discurso da ministra dos Direitos Humanos (citado anteriormente),além da presença do governo em comemorações religiosas, Mark Lilla(2010) comenta:

Toda a teologia política depende de uma representação, de uma imagem do nexos divino entre Deus, o homem e o mundo. Durante mais de um milênio, o destino do ocidente foi moldado pela imagem cristã de um deus trino e uno governando um cosmo criado e guiando o homem através da revelação, da convicção íntima e da ordem natural. Era um quadro magnífico, que permitia a uma civilização magnífica florescer (LILLA, 2010, p.59).

Nota-se que esse ser humanoque Mark Lilla cita em seu livro *A grande separação:Religião, Política e o Ocidente Moderno*(2010)é da vida europeia medieval.Hoje seria JairMessias Bolsonaro e a sua equipe, aproximando-se de uma imagem divina para legitimar seu poder, ou seja,como se a sua ação viesse de algo superior. As instituições religiosas(igrejas) são muito ativas na vida cultural de uma nação,nas tradições do passado ou presente,com a intenção de atribuir uma função de dar sentido a grupos ou pessoas.A teologia (no caso a neopentecostal)da mesma maneiraque impõe ritos e doutrinas a respeito da sociedade moderna e do governo idealutiliza-se de tirania, inclusive com doutrinas a respeito da fé com o intuito de legitimar o poder.

⁹Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/e-o-momento-de-a-igreja-ocupar-a-nacao-diz-damara-alves,c99ce5ac5400c9454b9b4da08d01f2c9jl9ze82t.html>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

¹⁰Disponível em:<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/02/15/interna_politica,1122100/bolsonaro-inaugura-obra-e-participa-de-megaevento-evangelico-neste-sab.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Os líderes religiosos buscam forças que estão no além e fazem com que essas participem da vida política de uma sociedade. Desta forma mostram-se detentores dessa ordem a fim de manipular e ter o controle. É possível perceber isso no caso da UFP (Universal das Forças Policiais) que se une a quartéis com o objetivo de amenizar o estresse, além de dar força a policiais militares com a utilização da Bíblia. Os ritos e liturgias como sacrifícios e magias são usados como soluções de um problema, para aliviar o cansaço que faz parte dessa categoria profissional.¹¹ O cristianismo sempre lidou bem com as disciplinas e ritos. Em seu livro: *A Ética Protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber observou esse ascetismo nos cristãos em sua época.¹² Nota-se que os movimentos neopentecostais atuais utilizam dessa prática, com aproveitamento conveniente nessa categoria profissional. O próximo capítulo trabalhará como a religião legitima as soluções para os problemas existenciais e políticos.

4.A legitimação neopentecostal

Como força legitimadora, o neopentecostalismo tem, por meio do seu discurso moralista, o objetivo de regular o comportamento humano em prática religiosa até que se transforme em hábito. Determinadas atitudes transportam os indivíduos (ou grupos) para o envolvimento nos seus projetos doutrinários ou políticos. No Brasil observa-se um engajamento por meio de igrejas neopentecostais com suas pautas conservadoras, combinado ao interesse religioso, que converge com os discursos do governo. Assim, a legitimação religiosa alcança espaços e motiva massas a militarem a favor das ideias autoritárias e fundamentalistas do atual presidente da República. A ênfase no discurso moral abre caminho para um plano que se move para uma teologia política e legitimadora, o que influencia as decisões atuais e orienta o governo para uma agenda neopentecostal. Então, é possível perceber um governo em que a religião tem uma certa autonomia para opinar e direcionar o País.

Berger (2018) mostra que o mundo social deve ser explicado socialmente a fim de justificar a ordem social de alguma anomia. Dessa forma, a legitimação direciona o saber das coisas. A legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião firma-se no “sagrado” e está além dos sentidos humanos. A religião oferece, ao ser

¹¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/universal-se-une-a-quarteis-para-amenizar-o-estresse-e-dar-forca-a-policiais-militares.shtml>> Acesso em: 23 mar. 2020.

¹² Ascetismo é uma doutrina filosófica que defende a abstenção dos prazeres físicos e psicológicos, acreditando ser o caminho para atingir a perfeição e equilíbrio moral e espiritual.

humano, significado e direcionamento em torno do cosmo por meio de uma semiótica. Para Berger (2018) “por legitimação se entende o “saber” socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social”(p.50). Assim, legitimações são as respostas para as perguntas sobre o “porquê” das invenções institucionais. Toda a estrutura social construída é marcada por ameaças e vulnerabilidades, além da formulação de perguntas para as questões de anomias sociais e cósmicas. As legitimações precisam ser repetidas e são relevantes para uma situação de crise individual ou coletiva (ou mais abrangente), não somente para explicar determinadas situações improváveis. Qualquer disciplina ou questões políticas e ideológicas precisam também de legitimação. A ordem social precisa de uma explicação para os desafios que enfrenta. Percebe-se que a legitimação ocorre em vários níveis no contexto social e cósmico. Conforme Berger:

O objetivo essencial de todas as formas de legitimação pode, assim, ser descrito como manutenção da realidade, tanto no nível objetivo como no nível subjetivo. Logo se verá que a área de legitimação é muito mais ampla que a da religião, a partir de como estes dois termos foram definidos aqui. Existe, no entanto, uma importante relação entre os dois. Podemos descrevê-la dizendo simplesmente que a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo da legitimação. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade socialmente erguidas pelas sociedades empíricas (BERGER, 2018, p. 55).

Berger(2018) comenta que a religião é o sistema de sentido mais legitimador que existe. Além disso, a religião serve e continua servindo tanto para as sociedades arcaicas quanto para as modernas. Todas as instituições, família, deuses, sexualidade humana refletem a criação divina. Nesta criação estão as manifestações que orientam a vida. Em caso decisivo, a estrutura política simplesmente está ligada à esfera humana e ao poder do cosmo divino. Assim, a força humana, o governo e o castigo tornam-se fenômenos sagrados, isto é, canais pelos quais forças divinas são aplicadas à vida dos seres humanos para influenciá-los.

“A teologia política é um discurso sobre autoridade política baseado numa conexão divina revelada. É, explícita ou implicitamente, racional”(LILLA, 2010, p. 29). A teologia política desenvolve-se sobre as tradições religiosas e, também, as representações nas quais seus adeptos acreditam.

Todas as religiões, mesmo as mais arcaicas, enfrentam um desafio comum: tornar as relações entre Deus, o homem e o mundo simultaneamente inteligíveis para as almas simples, a teologia política oferece representações; esses quadros dão depois origem a enigmas que as mentes reflexivas têm de

deslindar. Deus está no centro de todos esses quadros e, dependendo de como o concebemos, as nossas imagens do homem e do mundo podem mudar. O quadro em si gira em torno da presença de Deus, de onde ele está e de onde pode ser procurado no espaço e no tempo (LILLA, 2010, pp. 29, 30).

Deus com uma força imanente, o sagrado, apresenta-se na relação com o cosmo. O governante pode ser um sacerdote ou um representante dessa força divina. “O papel do governante é duplamente representativo: ele defende a causa da nação perante o divino, tal como um advogado faria, e age como defensor de Deus na terra, traduzindo as leis divinas para os ouvidos humanos” (LILLA, 2010, pp. 30, 31). Nesse sentido cria-se a esperança de que o representante eleito será um messias, um libertador. Manuel Castells, em seu livro *Ruptura: A crise da democracia liberal* destaca que “mesmo assim, os cidadãos votam, elegem e até se mobilizam e se entusiasмам por aqueles em quem depositam esperanças, mudando volta e meia quando a esperança supera o medo de mudança” (CASTELLS, 2017, p. 13). Assim, o discurso religioso representa a solução. O governante apropria-se de tal representação a fim de criar uma sensação de liberdade e entusiasmo nas massas. Para Valadier (2007):

Aqui podemos debater, à vontade, sem menosprezar até que ponto as “separações” entre Igrejas e Estado são falaciosas e escondem, na realidade, uma multidão de relações efetivamente inevitáveis; aliás a República sabe perfeitamente quando utilizá-las a seu favor (VALADIER, 2007, p. 104).

Enfim, a religião é um fator que move e legitima uma sociedade na busca de soluções para determinadas situações. Fazer apropriação do divino como explicações e pautas moralistas como conhecer a verdade, entre outras tem sido recorrente no governo atual eleito. “A validade da ordem social precisa então, ser explicada, tanto por causa dos desafiantes como por causa dos que enfrentam o desafio” (BERGER, 2018, p. 54).

Considerações finais

No Brasil, os movimentos neopentecostais ganham destaque. Sua retórica tem por base a construção de uma teologia que, nos últimos tempos, indicava certo afastamento do sujeito religioso para um sujeito político.

Observa-se como o atual presidente Jair Messias Bolsonaro apropria-se desse discurso e, também, a adesão da sua campanha com os pensamentos neopentecostais. É possível perceber tal fator pela indicação de religiosos para o seu ministério. Destaca-se, por exemplo, a ministra dos Direitos Humanos, a pastora Damares Regina Alves. Dessa

maneira, nota-se como essas igrejas deslocam-se do projeto de poder e o seu alinhamento com o desenvolvimento de uma teologia política no Brasil, principalmente no governo. Além disso, como essa política influencia multidões a favor dos discursos com pautas conservadoras. O texto indica, também, uma breve história do sujeito religioso em épocas passadas e como esse sujeito comporta-se na atualidade.

Referências Bibliográficas:

BERGER, P. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2018.

BERGER, P. *Os múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. *Almeida revista e corrigida*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CASTELLS, M. *Ruptura: A crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ESTADO DE MINAS. Bolsonaro inaugura obra e participa de megaevento evangélico. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/02/15/interna_politica,1122100/bolsonaro-inaugura-obra-e-participa-de-megaevento-evangelico-neste-sab.shtml>. Acesso em 23 mar. 2020.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para a internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Bolsonaro intensifica contato com evangélicos para conter queda de popularidade*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/bolsonaro-intensifica-contato-com-evangelicos-para-conter-queda-de-popularidade.shtml>>. Acesso em 01 nov. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. Universal se une a quartéis para amenizar o estresse e dar força a policiais militares. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/universal-se-une-a-quarteis-para-amenizar-o-estresse-e-dar-forca-a-policiais-militares.shtml>>. Acesso em 23 mar. 2020.

G1 POLÍTICA. *Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml>>. Acesso em 01 nov. 2019.

GALLEGO, E. S. (Orgs). *O ódio como política*. A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 13.

GUADALUPE, J. L. P. *Políticos Evangélicos o Evangélicos Políticos? Los Nuevos*

Modelos de Conquista Política de los. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastian (Eds.). *Evangélicos y poder em América Latina*. Lima – Perú: Ed. Konrad Adenauer Stiftung (KAS). 2019, p. 14,51.

HOBBSAWM, E.A *invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

LILLA, M.A *grande separação:Religião, Política e o Ocidente Moderno*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MARIANO, R.*Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2014.

MACEDO, E.; OLIVEIRA, C.*Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MIGUEL, L. F.A reemergência da direita brasileira.In: GALLEGGO, Esther Solano (Orgs). *O ódio como política. A reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo. 2018, p. 21.

TERRA NOTÍCIAS. *É o momento de a igreja ocupar a nação*. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/e-o-momento-de-a-igreja-ocupar-a-nacao-diz-dameres-alves,c99ce5ac5400c9454b9b4da08d01f2c9jl9ze82t.html>>. Acesso em 23 mar. 2020.

VALADIER, P.*Fraqueza do político, força do religioso*. Lisboa: Piaget, 2007.

VELASCO, R.A *igreja de Jesus*. Processo histórico da Consciência Eclesial. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.